

FAMÍLIAS NA AMAZÔNIA: UM OLHAR A PARTIR DA OBRA DE CHARLES WAGLEY

Cristina Dantas CANCELA
Professora da Universidade Federal do Pará

Resumo: Na década de 40 do séc. XX, o antropólogo americano Charles Wagley realizou um dos poucos trabalhos existentes sobre a família na Amazônia. Sua etnografia, orientada pelas premissuras teórico-metodológicas dos estudos de comunidade, foi realizada na localidade de Gurupá-PA, formada por pescadores, agricultores e seringueiros. Neste texto, discutiremos o conceito de família na obra de Wagley, bem como as especificidades e semelhanças das relações familiares amazônicas, comparadas às outras regiões, particularmente no que se refere a nêmero, casamento, educação das filhas e concubinato.

Introdução

Por quais caminhos a Amazônia inseriu-se na trajetória dos estudos de família no Brasil? Em que medida podemos perceber semelhanças e particularidades na perspectiva de análise da família amazônica em relação às abordagens realizadas para outras regiões brasileiras? Procuraremos discutir essas questões, ao longo deste ensaio, tomando como referência o trabalho de Charles Wagley, que, ao sair da Universidade de Columbia e aportar nos rios, baías e igarapés da Amazônia, realizou um clássico estudo de comunidade, no qual, dentre tantas outras preocupações, estavam aquelas relacionadas ao que ele denominou *assunto de família*.

O Autor e Sua Trajetória no Brasil

Nascido em Clarksville, Texas, em 1913, Charles Wagley formou-se pela Universidade de Columbia, em Nova York, recebendo, em 1941, o grau de Ph.D. em Antropologia.

Em 1939, chegou ao Brasil, através de um esforço de intercâmbio realizado entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Universidade

de Columbia. Inicialmente, atuou na área de etnologia, escrevendo trabalhos sobre os índios Tapirajé, no Mato Grosso, e Tenetehara, no Maranhão.

Em 1948, Charles Wagley realizou estudo de comunidade, em Itá, nome fictício criado por ele, como estratégia para preservar o anonimato da cidade de Gurupá, localizada no Baixo Amazonas, Pará.

No Brasil, foi professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e da Universidade da Bahia, sendo ainda nomeado para trabalhar no SESP (Serviço Especial de Saúde Pública), um programa concebido pelos governos brasileiro e norte-americano, como medida de guerra voltada para a assistência médica de pessoas ligadas à produção de matéria-prima estratégica, como os seringueiros da Amazônia. Foi em meio às atividades desse programa que o pesquisador obteve seus primeiros contatos com essa região e, mais especificamente, com a cidade de Gurupá, onde foi inicialmente instalado um dos postos de Saúde do SESP.

Uma vez no Brasil, Wagley escreveu inúmeros artigos e livros. Para efeito deste ensaio, abordaremos a obra intitulada *Uma Comunidade Amazônica: estudo do Houen no Trópico* (1988), em que se discute mais sistematicamente as características da família nessa região. Outros trabalhos de Wagley serão observados de forma complementar, por tratarem de questões acerca da família no Brasil, são eles: *Kinship patterns in Brazil: The persistence of a cultural tradition* (1968) e *Family and Education* (1965).

Wagley e os Estudos Iniciais de Família

O campo de estudo da História da família tem como característica de seu processo de formação a interdisciplinaridade. Com fronteiras pouco definidas, manteve um diálogo constante com a Demografia, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia.

Em parte, isso se justificava por inúmeras razões, dentre elas, podemos destacar o fato de os historiadores, durante muito tempo, dicotomizarem e priorizarem os eventos lidos como da esfera pública, em detrimento daqueles entendidos como da esfera do privado, em que a família era até então pensada. Somava-se a isso a indefinição conceitual de família e a multiplicidade de assuntos que poderiam ser adicionados à discussão, que passava por questões como infância, educação, mulher e sexualidade, para citarmos apenas algumas das

possibilidades temáticas. A dispersão e a fragmentação das fontes para o estudo da família constituíam-se igualmente em obstáculos a serem inicialmente enfrentados.

Só a partir da década de 50-60, começa a haver uma mudança nesse quadro, e a família vai passar a ser vista como uma instituição fundamental, a partir da qual se pode estudar a estrutura política e social, bem como o desenvolvimento econômico e cultural (Hareven, 1973).

No Brasil, o cenário não era diferente. É bastante significativo o fato de os primeiros estudiosos da História da família brasileira advirem de outras áreas do conhecimento, com destaque para as ciências sociais, jurídicas e literárias.

Sâmara, ao analisar a trajetória dos estudos de família no Brasil, demarca algumas periodizações importantes, evidenciando um primeiro momento que abrangeria os anos de 1920 a 1940. Neste período inicial, destaca-se a obra de juristas como Oliveira Vianna e Alcântara Machado e de cientistas sociais como Luis de Aguiar Costa Pinto e Gilberto Freire. Os trabalhos deste último transformaram-se em marco dos estudos da família brasileira que neles vai ser abordada sob o signo do patriarcalismo e considerada uma instituição fundamental para a compreensão da estrutura, da organização e do caráter de nossa sociedade.

Algumas das características dessa família patriarcal vão ser bastante realçadas, como: a grande extensão de seus membros; a dominação masculina e conseqüente submissão feminina, particularmente da mulher branca; o poderio político do senhor de engenho sobre os membros da família, aqui incluídos escravos e agregados; as alianças, muitas vezes criadas e mantidas, através de casamento, entre membros da mesma família, para a manutenção do poder político e do patrimônio.

A despeito da importância desse modelo, enquanto um dos primeiros esforços de se pensar teoricamente a família brasileira utilizando-se de fontes inéditas e valorizadas pela historiografia contemporânea, inúmeros são os cuidados que temos que ter ao trabalharmos com essas idéias. Dentre as várias críticas já bastante conhecidas, lembraremos aqui uma das mais destacadas, referente à homogeneização do modelo para o conjunto da sociedade brasileira, invisibilizando assim outras formas de organização e estrutura familiar que não se pautavam sob o signo do patriarcalismo, fossem nucleares ou mesmo extensas. O modelo patriarcal da sociedade colonial,

construído a partir do contexto dos senhores de engenho nordestinos, vai ser estendido para o conjunto das regiões brasileiras, subsumindo a diversidade de estruturas e organizações familiares de outras regiões, atravessando os séculos coloniais para chegar ao Brasil contemporâneo (Samara & Costa, 1997; Corrêa, 1982).

A ausência de uma perspectiva regional, bem como das especificidades características dos diferentes grupos sociais, e ainda a ênfase nos papéis e modelos ideais de comportamento e valores, em detrimento da diversidade das práticas sociais dos sujeitos, vão ser alguns dos questionamentos empreendidos pelos estudiosos das décadas de 50 e 60, a esse modelo clássico de análise da família.

Estas décadas corresponderam ao segundo momento dos estudos de família no Brasil, segundo a classificação proposta por Samara (1987).

É nesse segundo período que se situam as obras de Charles Wagley, juntamente com estudiosos como Antônio Cândido de Mello e Souza, Emílio Willems, Donald Pierson, Oracy Nogueira e Thales de Azevedo.

Ainda nessas décadas, o que se observa é a continuação da presença marcante de profissionais de outras áreas de estudo realizando trabalhos na perspectiva da História da família, evidenciando mais uma vez, a exemplo do momento anterior, o caráter interdisciplinar que caracteriza o início dessa área de conhecimento no Brasil.

Para termos uma melhor visualização dessa assertiva, basta destacarmos a formação e a atuação de alguns dos pesquisadores acima apontados, como Antônio Cândido de Mello e Souza, Doutor em Ciências Sociais e Professor de *Literatura Brasileira*; o americano Donald Pierson, pós-graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Chicago; o alemão Emílio Willems, diplomado em *Filologia* pela Universidade de Berlim; Oracy Nogueira, chefe do setor de *Pesquisas Sociais* do Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (Cândido, 1951; Pierson, 1954; Willems, 1953; Nogueira, 1962).

Além de advirem de distintas áreas de conhecimento, como se pode observar na relação acima, estes pesquisadores formavam uma espécie de rede de atuação institucional, pois, todos eles, foram professores da Universidade de São Paulo, ministrando aulas e realizando pesquisas em diferentes Institutos e Departamentos daquela Universidade.

Do ponto de vista teórico metodológico, é importante lembrarmos que todos os pesquisadores desta geração realizaram trabalhos na linha

dos estudos de comunidade, perspectiva de análise que marcou as décadas de quarenta e cinquenta, fundamentada na observação direta do pesquisador em pequenas vilas, cidades e grupos, buscando descrever seus aspectos econômicos, sociais, religiosos e culturais (Ianni, 1958).¹ A pesquisa de Wagley é elaborada dentro desta linha de pesquisa, fazendo parte de uma espécie de movimento existente à época, como o denominou Oracy Nogueira (Rosa, 1993), a que se somaram trabalhos realizados por Willem, em Cunha (1947), e Pierson, em Cruz das Almas (1951), ambas comunidades pertencentes ao Estado de São Paulo, que serviram de comparação a Wagley (1968) em suas discussões.

No que diz respeito à História da família, os estudos de comunidade vão problematizar as diferenças regionais, a organização e a estrutura familiar, discutindo temas até então pouco abordados, como casamento, divórcio e práticas femininas.

A despeito dessas importantes contribuições, estes trabalhos ainda vão olhar a família sob a ótica do patriarcalismo freireano. Isso pode ser observado nas análises acerca das vastas redes de parentesco e de poder, estabelecidas por indivíduos que possuíam metas em comum. Esta abordagem demonstra, também, que, ainda nesse momento, a família vai ser vista de forma homogênea, não se destacando as diversidades e contradições presentes, não apenas em famílias de diferentes grupos sociais, como entre membros de uma mesma família, como será questionado nos trabalhos historiográficos da década de 70.

Etnografando a Família na Amazônia

A obra de Charles Wagley, intitulada *Amazon Town: a study of man in the tropics*, foi originalmente publicada em 1953, sendo três anos depois traduzida para o português. O estudo resultou de viagens do autor à cidade de Itá (Gurupá), primeiramente nos anos de 1942 e 1943, quando do planejamento e instalação de postos de saúde pública do SESP, porém, mais particularmente, dos dados colhidos no ano de 1948, período no qual Wagley residiu na cidade juntamente com sua esposa brasileira, Cecília, e os pesquisadores Eduardo e Clara Galvão.

¹ Várias são as críticas referidas aos trabalhos que têm esta linha de análise, dentre elas destaca-se a questão da representatividade de um estudo de caso singular para a totalidade da sociedade, sua a-historicidade e o culturalismo presente nestes trabalhos.

O trabalho tem como mote a descrição da natureza e da cultura do homem amazônico, com destaque para as preocupações relativas ao desenvolvimento da região e os investimentos necessários para promovê-la, em face do seu suposto atraso tecnológico e cultural.

Em meio a essas questões, as relações familiares vividas pela população de Itá vão receber um tratamento específico de Wagley, sendo discutidas exclusivamente em um capítulo, que se soma àqueles referentes à natureza e descrição do lugar, às relações sociais, às festas, à magia e à religião e, finalmente, uma conclusão relativa às perspectivas de desenvolvimento dessa comunidade de agricultores e seringueiros do Baixo Amazonas.

Vejamos agora um primeiro aspecto da abordagem do autor relativa à estrutura e às relações familiares sob a égide do modelo patriarcal brasileiro.

No que diz respeito aos *aspectos de família*, para usar um termo do próprio autor, a narrativa inicia com a afirmação de que “a família numerosa, estreitamente unida, é uma das importantes instituições da sociedade brasileira” (Wagley, 1988).

Observa-se aqui a importância dada à temática da família para a compreensão da estrutura social da comunidade estudada, bem como a ênfase na extensão de sua rede de parentesco, uma das características pensadas à época como intrínsecas ao modelo patriarcal.

Ao analisar a família na Amazônia, Wagley observa que o parentesco vai muito além das fronteiras de descendência. O autor classifica primeiramente a unidade menor chamada de *mulha mulher e filhas*, ao que se segue uma unidade mais ampla formada pelos demais parentes, aqui inclusos primos, tios e sobrinhos, aos quais se atribui o termo *família*. A estas duas esferas de parentesco mais íntimas, somam-se as relações de compadrio, que formam uma tripla relação entre padrinhos e afilhados, entre pais e filhos e entre pais e padrinhos.

Essas relações de compadrio se estabelecem a partir do ritual católico de Batismo, no caso da Amazônia, além da cerimônia religiosa há outras formas tradicionais de se estabelecerem essas alianças, descritas por Wagley. Uma delas é conhecida como a “passagem da fogueira” onde 2 pessoas têm que cruzar 3 vezes em volta de uma fogueira recitando os seguintes versos:

*São João disse
São Pedro confirmou,*

*Que Nosso Senhor Jesus Cristo mandou
A gente ser compadre
Nesta vida e na outra também (Wagley, 1988).*

ao final da terceira volta eles se tornam “compadres de fogueira”.

As relações de compadrio são fundamentais na perspectiva do autor, à medida que não só aumentam o já amplo círculo de parentes da família, como fortalecem as redes de influências políticas e econômicas nessa comunidade, traduzidas muitas vezes em forma de favores. Segundo Wagley (1988):

Um velho e experiente político da região Amazônica... guardava em um caderno de notas os endereços e datas de aniversário de seus trezentos ou quatrocentos afilhados. Estavam eles estrategicamente espalhados por todo o Estado, e muitos desses afilhados como seus compadres eram eleitores certos e cabos eleitorais.

Essas discussões acerca das relações de compadrio, assim como aquelas referentes às extensas redes familiares, são permeadas pela noção de patriarcalismo bastante presente na obra deste Antropólogo. Uma das passagens que podemos destacar em que esta idéia encontra-se traduzida diz respeito à tese levantada por Wagley para caracterizar a família brasileira. Essa tese evidencia que, embora haja uma desorganização do sistema patriarcal vivido no passado, ocasionada pelas transformações sociais ligadas particularmente à urbanização e à industrialização, a importância da vasta rede de parentesco se mantém e persiste, de uma forma diferente do passado, mas com funções igualmente importantes na economia e política brasileiras (Wagley, 1968).

Ao analisar o desenvolvimento da sociedade como um contínuum linear que passaria de um cenário rural para um contexto urbano e industrial, responsável também pela modificação da estrutura familiar extensa para a nuclear, podemos perceber o diálogo com as idéias de Antônio Cândido, igualmente referido na obra de Wagley. Segundo a tese bastante conhecida daquele autor, a urbanização e a industrialização foram seguidas do enfraquecimento dos laços de parentesco mais amplos bem como das relações de compadrio, com subsequente fortalecimento do individualismo, o enfraquecimento da autoridade

paterna, o maior status das mulheres e a diminuição da influência política da família. Ainda segundo Antônio Cândido, embora estas transformações pudessem ser percebidas de forma diferenciada de acordo com as regiões, mostrando-se mais aceleradas no sul e sudeste do País, em relação ao norte, bem como entre as classes altas em relação às mais baixas, elas invariavelmente teriam lugar na sociedade brasileira (Cândido, 1951).

Seguindo o diálogo com as idéias de Antônio Cândido, gostaríamos de destacar um segundo aspecto da obra de Wagley que diz respeito à especificidade da Amazônia no cenário nacional.

Aqui, destacamos que, embora Wagley adote os preceitos gerais da análise daquele autor, acima já apontados, ele os matiza a partir do olhar da realidade amazônica, evidenciando que, a despeito da nuclearização e fragmentação da família em áreas urbanas, a rede de solidariedade, o contato, as alianças políticas e favores não desapareceram totalmente na região, mesmo em áreas urbanas.

Esta permanência não se explicaria apenas pelo fato de as transformações associadas à urbanização e à industrialização serem recentes na região, pois estas formas de valores e comportamentos patriarcais poderiam ser encontradas, também, em diferentes cidades do Sudeste do País.

Seguindo essa linha de re-interpretação, Wagley pondera um certo evolucionismo presente nos argumentos de Antônio Cândido. Isto pode ser visto quando de sua crítica à tese de que o sistema de parentela é coisa do passado, afirmando que, apesar das mudanças ocorridas no Brasil moderno e urbano, esse sistema ainda persiste sob novas formas, recriando-se, como se pode observar na recorrência do nepotismo presente nos serviços públicos brasileiros. Para o pesquisador, o sistema patriarcal ainda estaria impregnado na mente dos brasileiros, constituindo-se enquanto foco da vida social, particularmente entre a elite.

Embora considere uma certa perda de influência do poder das famílias oligárquicas no Brasil moderno, particularmente na esfera nacional, o autor evidencia a força destas famílias nas pequenas comunidades e áreas rurais.

Percebe-se nessa discussão em que medida o estudo de Wagley (1968) acerca da realidade amazônica lhe permitiu comparar e estender sua análise para outras comunidades brasileiras, travando um diálogo constante e trazendo a Amazônia para o cenário do debate nacional.

Mais uma vez, vê-se aqui sua preocupação com as especificidades regionais e locais, característica própria dos estudos dessa geração de pesquisadores das décadas de 40-50.

Um terceiro aspecto que gostaríamos de destacar na obra de Wagley diz respeito a uma outra característica própria aos trabalhos deste período, que está relacionada à preocupação em demarcar as diferenças de práticas e ideais das diferentes classes sociais. As particularidades não vão ser lidas apenas a partir das diferenças regionais, mas também dos diversos segmentos que formam uma sociedade.

Esta preocupação pode ser encontrada em vários autores. Desse modo aqui as idéias de Antônio Cândido, que, ao falar na quebra dos laços familiares e de solidariedade nas áreas urbanizadas e industrializadas, evidencia que este é mais freqüente entre pessoas da elite, sendo que as classes baixas tenderiam a manter mais estreitamente esses laços, arraigados, enquanto um valor apreendido nas antigas formas de organização rural.

Embora parta do mesmo pressuposto de Antônio Cândido ao analisar as relações sociais a partir das diferenças de classe e, ainda, da preocupação com a questão das mudanças vividas pela família brasileira, Wagley apresenta uma análise distinta daquele autor, no que diz respeito à manutenção dos laços familiares e de solidariedade entre a parentela das classes baixas. Para este autor, a população mais pobre é que tenderia a perder o contato entre seus membros, em função das constantes migrações das áreas rurais para as urbanas. Soma-se a isso o fato de que, por não saber escrever, as pessoas desses segmentos mais pobres não teriam como manter contato através de cartas com os parentes mais distantes. Como nos relata Wagley (1988), ao analisar as famílias de seringueiros em Itá:

Os seringueiros são conhecidos por seus hábitos nômades. Mudam-se freqüentemente, na esperança de escapar aos seus credores e de encontrar estradas de borracha em que as condições sejam melhores que aquelas em que trabalham. O seringueiro, por conseguinte, freqüentemente deixa seus parentes, o que fez com que nas zonas de extração da borracha da comunidade de Itá as famílias sejam ainda menores que as da cidade. (...) Em Itá, somente entre os leonadores, que gozam de maior estabilidade, podem as pessoas estabelecer, com segurança, amplos laços de família.

Entre as classes médias e altas, entretanto, esses laços seriam mantidos, atualizados, por exemplo, na ajuda aos parentes que migram para as grandes cidades, pela facilidade e freqüência dos contatos entre a parentela realizados através de telefonemas, visitas e rituais de batismo (Wagley, 1965).

Um *quarto aspecto* a ser abordado na obra de Wagley sobre a família está relacionado às discussões de papéis sociais de homens e mulheres na sociedade de Itá.

O autor caracteriza os padrões ideais de comportamento presentes na comunidade, que, de certa forma, estão muito próximos àqueles observados por Freire no período colonial brasileiro.

A figura do pai como um chefe de família absoluto, que não deve dar satisfação de seus atos, responsável pelas finanças e os negócios da família, norteia o ideal de homem recorrente naquela sociedade. Como salienta Wagley, "o comentário mais humilhante que se pode fazer a um homem é que sua mulher pesca, isto é, precisa contribuir para o sustento da família".

Da mesma forma, o ideal de mulher e de mãe estaria pautado na suavidade, passividade e sossego. O trabalho deve estar restrito às atividades da casa e da roça. Devem ser virgens ao casar e não freqüentar muito a rua.

A despeito desse padrão cultural como característico da sociedade de Itá, Wagley nos alerta sobre a distância entre os papéis sociais ideais e aqueles vividos no interior de uma cultura (Rosa, 1993).³ Com essas preocupações, começa a matizar os padrões descritos acima, evidenciando que "na intimidade da família, homens e mulheres discutem negócios". Nos segmentos mais pobres as esposas ajudam o marido no sustento da casa, trabalhando com eles muitas vezes até mesmo na extração do látex, que se constitui em uma das atividades econômicas importantes em Itá, juntamente com a agricultura familiar. Algumas mulheres ainda possuem cargos públicos, como a professora e a encarregada do cartório. As viúvas, muito comumente, assumem os negócios do marido tornando-se chefes de família.

³ Vouco aqui a influência da abordagem culturalista na obra de Wagley, representada nas preocupações com papéis sociais vividos e idealizados pela sociedade a fim de encontrar padrões de cultura que pudessem configurá-la. Vale lembrar que tanto autor foi aluno em Columbia, NY, de dois grandes nomes ligados a essa escola culturalista norte-americana, são eles: Franz Boas e Ruth Benedict.

Segundo Wagley, este distanciamento entre o padrão cultural ideal e aquele vivido está diretamente relacionado às dificuldades econômicas da sociedade, que obriga os homens a terem que se deslocar constantemente, fazendo com que as mulheres assumam a chefia da casa. Por outro lado, nos lembra que os padrões de comportamento foram formados a partir da velha aristocracia dos latifúndios do Brasil, como descritos por Freire, sendo que estes não teriam como se sustentar diante da diversidade da migração nas áreas rurais, como Itá, ou mesmo nas cidades modernas, como Rio de Janeiro e São Paulo.

O que gostaríamos de chamar atenção na discussão acima levantada é o fato de que ao refletir sobre as formas de comportamento na sociedade de Itá, Wagley destaca as especificidades do papel social feminino, apontando suas nuances e fugindo da visão monolítica de passividade e reclusão, bastante presente na obra de Freire. Esta linha de abordagem constitui-se, como lembra Samara (1987), em uma das principais características dessa geração de autores das décadas de 40 e 50, que procuravam enfocar as formas de interação da mulher, seus papéis na sociedade e na família, quebrando os estereótipos convencionais presentes nos estudos anteriores.

Este tema nos leva a um quinto aspecto a ser destacado na obra de Wagley, referente às questões de namoro, noivado e casamento. Aqui, mais uma vez, o autor inicia a narrativa descrevendo os padrões culturais ideais e aqueles vividos no cotidiano da sociedade.

Destaca o resguardo que uma moça deve ter, não podendo ficar a sós com seus namorados. As visitas devem ser seguidas da declaração oficial de casamento. "Podem conversar de janela – a moça debruçada sobre o parapeito da janela que dá para a rua e o rapaz apoiado na parede da casa" (Wagley, 1988). O casamento é visto como o momento da vida em que se decide *assentar* e criar família, diz-se que o homem foi finalmente *peçado*, para usar expressões encontradas pelo autor na comunidade.

Embora em Itá o ritual do casamento seja bastante valorizado, a maioria dos casais das classes baixas vive angustiada. De qualquer forma, o casamento religioso possui mais prestígio que a cerimônia civil, sendo comum encontrar-se pessoas que haviam casado-se em apenas uma dessas instâncias.

A ameaça de prisão e violência física por parte do pai em relação ao namorado das filhas, tão caricaturizada no folclore brasileiro, mais especificamente no chamado casamento na roça, está presente em Itá.

Segundo Wagley, é recorrente o fato de que os homens não sentem o desejo de casar, assumindo a contragosto, ou forçosamente, uma união estável.

Wagley chama a atenção que o casamento *forçado pela polícia* é uma prática comum na cidade, particularmente após o defloramento da noiva. Segundo ele, isto ocorre muitas vezes como estratégia dos noivos e dos pais, pois quando os casamentos são realizados *in polícia*, o juiz de paz e o tabelião não cobram as taxas comuns à realização da cerimônia, enquanto que “se um par casa-se de pedido terá que trabalhar quase um ano para juntar o dinheiro necessário” (Wagley, 1988).

Ao caracterizar o casamento em Itá, Wagley conclui que fatores como a grande percentagem de uniões ilegítimas, os casamentos realizados sem a vontade do noivo, o valor dado à virgindade, ocasionando muitas vezes a devolução da mulher à família de origem pelo marido que se sente traído, fazem com que as relações conjugais nessa comunidade sejam instáveis.

Mais uma vez Wagley evidencia a preocupação em demarcar as especificidades de comportamento de acordo com a classe social dos indivíduos, associando às classes mais baixas a fluidez do casamento em função da instabilidade econômica. A necessidade de migrar em busca de trabalho nos seringais, em Belém ou mesmo nas cidades do sul do País, faz com que muitos homens abandonem suas casas, aumentando o número de mulheres chefes de família. Essas mulheres “têm, às vezes, inúmeros companheiros pela vida afora, os quais vão partindo – ou morrendo – deixando-as com filhos para criar e sustentar” (Wagley, 1988).

Um *sexto e último* aspecto, a ser destacado no trabalho de Wagley referente à família, relaciona-se à infância. Mais uma vez, temos uma análise voltada para as diferenças dos papéis sociais pensados e vividos e às distinções de comportamento de acordo com a classe social, mantendo a linha de análise adotada pelo autor.

O cuidado, o carinho e a proteção estão presentes na fala dos pais ao fazer referência às crianças, bem como a condenação aos castigos físicos e o trabalho pesado. No entanto, apenas as crianças de famílias de classe alta não fazem trabalho manual ou mesmo doméstico. Nas classes baixas, elas têm que trabalhar desde cedo. As meninas carregam água do rio e ajudam na fabricação de farinha de mandioca. Os meninos pescam com os pais e trabalham na roça. Segundo Wagley (1988), “um comentário feito certa vez, em brincadeira, por um brasileiro de que os últimos escravos do Brasil são os garotos, é um fato em Itá”.

O autor levanta ainda a questão da adoção de crianças, tão presente na comunidade, os chamados filhos de criação. Em geral, essas crianças estudam e têm educação religiosa e realizam tarefas manuais, particularmente nas casas das famílias mais abastadas da cidade. Elas ocupariam uma posição inferior, sendo, segundo o autor, um meio-termo entre o parente pobre e o empregado não remunerado, particularmente nos casos em que crianças do interior são levadas às casas de famílias de cidades como Belém, onde, em troca de estudo, realizam o trabalho doméstico.

Para o autor, o expressivo índice de crianças adotadas na Amazônia estaria diretamente relacionado à alta taxa de mortalidade infantil e de adultos, fazendo com que pessoas mais pobres acabem "dando com uma certa facilidade e freqüência" seus filhos para pessoas que tenham melhores condições econômicas.

Considerações Finais

A partir das questões apontadas neste ensaio procuramos analisar de que forma Wagley discutiu os assuntos de família na Amazônia em um primeiro plano, ampliando-o para a análise da família brasileira em outros momentos.

Observamos a interlocução do autor com as linhas de abordagem dos pesquisadores de sua geração, quando da realização dos estudos de comunidade. Isto pode ser percebido na ênfase dada às diferenças regionais, de classe social, na relativização da visão da mulher passiva e submissa, na abordagem de temas como namoro, casamento e infância. Procuramos também mostrar o diálogo de Wagley com autores que se tornaram clássicos da literatura sobre a família no Brasil, particularmente no que se refere ao modelo patriarcal, suas permanências e mudanças. Aqui, vimos de que forma Wagley, mesmo apoiando Freire e Antônio Cândido na caracterização e generalização do modelo para o conjunto da sociedade brasileira, pondera quanto ao seu desaparecimento nas áreas mais urbanas e industrializadas, como defendido particularmente por Cândido. Destaca que, na verdade, ele permanece sobre novos aspectos nessas áreas, seja somente enquanto ideal, como ocorre entre as famílias das classes baixas, seja como ideal e prática, como é recorrente em meio às famílias das classes médias e altas.

Da mesma forma, mesmo em uma região como a Amazônia, que se encontra afastada desses padrões de desenvolvimento tecnológico, a

força dos ideais patriarcais se mantém atualizada nas redes de parentesco consangüíneas e de compadrio, entre outras práticas e valores sociais que foram lembrados ao longo do texto.

Nosso autor matiza, assim, uma certa perspectiva de análise que caracteriza o modelo da família brasileira de forma linear e evolutiva, evidenciando permanências e mudanças que, por vezes, não se excluem, podendo mesmo conviver em uma mesma sociedade.

Nesse sentido, vimos, ao longo deste ensaio, não apenas um olhar sobre a Amazônia construído a partir de um de seus principais intérpretes, considerado um dos primeiros brasilianistas (Rosa, 1993), mas também a importância dessa região à formulação dos argumentos e teses de Wágley voltados para a História da família brasileira.

BIBLIOGRAFIA

CÂNDIDO, Antônio. The Brazilian Family. In: SMITH, T. & MARCHANT, Alexander. *Brazil: Portrait of half continent*. New York: The Dryden Press, 1951.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal. In: ALMEIDA, Maria Suely Kofes (org.). *Coldas de retalhos, estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil 1930-1960*. Campinas: Vértice, 1987.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas: os estudos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, 1996.

HAREVEN, Tamara. The History of the family as an interdisciplinary field. In: RABB, Theodore (ed.). *The family in History*. New York: Harper Torchbooks, 1973.

IANNI, Octávio. Amazon Town. In: *Revista de Sociologia*, nº 20, 1958.

NOGUEIRA, Oracy. *Família e comunidade: um estudo sociológico de Itapetininga*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Cultura, 1962.

PIERSON, Donald. The Family in Brazil. In: *Marriage and Family living* 16. N° 4, 1954.

ROSA, Francisco Tadeu Ribas Santa. *A aliança e a diferença: Uma leitura do itinerário intelectual de Charles Wagley*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, Campinas, 1993.

SAMARA, Eni de Mesquita; COSTA, Dora Isabel Paiva da. Family, patriachalism and social change in Brazil. *Latin American Research Review*, New Mexico: University of New Mexico, vol. 32, 1997.

SAMARA, Eni de Mesquita. Tendências atuais da História da Família no Brasil. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de. *Procurando a família no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica: um estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

WAGLEY, Charles. Kinship patterns in Brazil: The persistence of a cultural tradition. In: *The Latin American Tradition: Essays on the unity and the diversity of Latin American culture*. New York & London: Columbia University Press, 1968.

WAGLEY, Charles. Family and education. In: *An introduction to Brazil*. New York and London: Columbia University Press, 1965.

WILLEMS, Emílio. The structure of Brazilian Family. In: *Social Forces*, n° 31, maio, 1953.